

ARTES VISUAIS

BRUNO HENRIQUE



DO CHILE. Trabalho de Patrícia Claro foi realizado por meio de uma residência artística em Bonito

ESTÉTICAS LOCALIZADAS

Segunda Temporada de Exposições do Museu de Arte Contemporânea começa na terça-feira e traz artistas que usam elementos locais para construir provocações visuais

THIAGO ANDRADE

Das águas de Bonito às cores vivas da decoração de casas suburbanas cariocas. A 2ª Temporada de Exposições do Museu de Arte Contemporânea (Marco) será aberta ao público amanhã, às 19h30min. Dois artistas contemporâneos ocupam as quatro salas do museu – localizado na Rua Antônio Maria Coelho, 6000. O fotógrafo Bruno Veiga, do Rio de Janeiro, apresenta imagens registradas para a série “Subúrbio”. Por sua vez, em “Formas d’Água – Reflexão por Transparência”, a chilena Patrícia Claro parte da versatilidade dos rios, lagos e espaços aquáticos de Bonito para produzir fotografias, pinturas, xilogravuras e um videoarte.

Ambos os artistas foram convidados a expor no museu. Patrícia ocupa três das salas para apresentar o resultado de uma residência artística apoiada pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio). Ela morou um período em Bonito, onde teve a oportunidade de pesquisar o famoso bioma e perceber a importância das águas para sua conservação.

Após estudar as várias acepções que tomavam o rio em seu trajeto, a artista optou por representar as chamadas “Lagunas Perdidas”, nome dado a uma região quase virgem do local. A presença de um dos maiores mananciais de água subterrânea do mundo, o Aquífero Guarani, também é uma das referências de Patrícia, neste trabalho que mescla “land art”, suportes clássicos e contemporâneos, além de um forte cunho ecologista.



VIDA SUBURBANA. As fotografias de Bruno Veiga que compõem “Subúrbio” ressaltam cores e formas presentes nas casas de todo o Brasil

“Na obra de Patrícia, o destaque foi concedido às cores e à ramagem formada pelos juncos, vegetação que oscila dentro e fora da água; seu método é seguir a luz em verticalidade até o mais fundo possível de ser alcançado pela visão. O resultado final é a transparência das águas sereníssimas da superfície e a sua beleza estonteante e hipnótica”, explica o curador da mostra Rafael Raddi, que, ao lado de Xenia Bergman, foram responsáveis pela vinda do trabalho para a Capital.

Patrícia Claro nasceu em Santiago, no Chile, e estudou Desenho e Licenciatura em Artes Visuais na Universidade Católica do Chile. Suas obras já foram expostas em diversas galerias e mostras ao redor do mundo, como Chile, Estados Unidos, China, Bélgica. A natureza é um dos elementos

constantes em sua produção. “Formas d’Água – Reflexão por Transparência” foi apresentada no Museu Nacional de Brasília. Depois de Campo Grande, a mostra deve circular por outras cidades brasileiras.

CONTRASTES UNIVERSAIS

Bruno Veiga construiu sua carreira como fotoinjornalista do jornal *O Globo*, no Rio de Janeiro. Carioca da zona sul, foi por conta da profissão que ele teve contato com o outro extremo da cidade, a zona norte. Lá, aproximou-se de sambistas e de um outro universo estético, que lhe atraiu o olhar. “Eu tive contato com sambistas que moravam em bairros da zona norte e desenvolvi um projeto junto da Fundação de Cultura do Rio para fazer retratos deles”, conta.

No entanto, em meio às vi-

sitas, o uso das cores e a organização das formas também chamaram atenção do olhar treinado do profissional. “Era outra forma de hierarquizar o espaço e me chamou atenção aquela estética suburbana”, conta. O que era um projeto de um ano se estendeu por quase uma década e deu origem a um livro e uma exposição. Ao total, foram produzidas cerca de 90 imagens, das quais 34 serão expostas no Marco.

Embora feitas em um contexto bastante específico – a zona norte carioca dos anos 90 –, as fotografias se universalizam por demonstrar relações e hierarquia de valores presentes em todo o País. “Carlos Beltrão, curador da exposição, fala uma coisa muito importante. Não se trata apenas do subúrbio do Rio de Janeiro. É uma fotografia do afeto”, comenta o artista de 52 anos. Segundo ele, as fotografias apontam para uma estética pré-Casas Bahia. “Era um outro jeito de usar as cores, as formas, muito interessante por sinal.”

“Subúrbio” é um registro sutil e poético do cotidiano de diversas pessoas. “Como cada um de nós traz um pouquinho de subúrbio na alma, ousou afirmar que todos que visitarem a exposição, venham de onde vierem, vão se identificar com muitas das imagens expostas e nelas encontrarão um pedacinho de si mesmo”, ressalta o curador, Carlos Beltrão. Morador de Bonito, ele é um dos responsáveis pela realização da exposição na Capital.

DÍALOGO

Por meio de parceria entre a Fecomércio/MS e o Museu de Arte Contemporânea, será realizado no Sesc Morada dos Baís



NATUREZA. Patrícia Claro inspira sua produção nas águas de Bonito



DEDICAÇÃO. Bruno Veiga trabalha há mais de 30 anos com fotografia

a mesa-redonda “Fotografia Contemporânea”. Participam dela o fotógrafo Bruno Veiga, a professora e crítica de arte Maria Adélia Menegazzo e o professor e artista plástico Rafael Maldonado. A mediação é de Carlos Beltrão. O encontro acontece na quarta-feira, às 18h30min.

Entre os temas abordados, Bruno afirma que o mercado de arte para a fotografia é um dos destaques. “A fotografia sempre esteve nos grandes museus do mundo inteiro;

mas, como mercadoria, ela demorou a ser valorizada”, argumenta o fotógrafo.

Segundo ele, o número de artistas brasileiros que se inserem no mercado ainda é pequeno e pouca gente consegue se manter apenas da arte; mas, desde os anos 80, percebeu-se uma tendência em direção à mudança, assim como se deu com linguagens artísticas que antes não tinham tanto prestígio, como o grafite e a arte urbana no geral.